



Azulejos e cerâmicas hispano-árabes na Região Autónoma da Madeira a partir de investigações arqueológicas

A documentação referente à azulejaria hispano-árabe é pouco abundante e dispersa, existindo uma ausência de documentação antiga e fontes primárias em Portugal sobre a importação, as encomendas ou encomendadores e uma inexistência de elementos técnicos correspondentes à sua manufactura, sendo que, no país de origem, o trabalho mais importante nesta matéria, foi realizado por Gestoso y Perez,

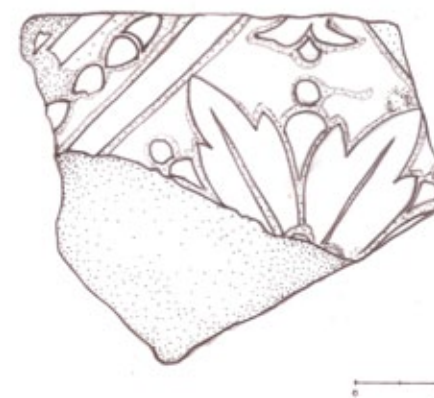
em 1904, que constitui um importante registo sobre cerâmica produzida em Sevilha. Nos diversos trabalhos publicados, o autor transmite uma ampla reflexão sobre as olarias e oleiros de Triana, a dimensão e difusão local ou estrangeira onde também faz referência a Portugal quando transcreve excertos de documentos quinhentistas referentes à cerâmica local.



1. Azulejos de aresta monocromos na cor verde,
Convento de Santa Clara do Funchal
Imagem: Lígia Gonçalves



2. Azulejo de aresta monocromo na cor verde,
Convento de Santa Clara do Funchal
Desenho: Lígia Gonçalves



3. Fragmento de azulejo com decoração vegetalista, antigo
Convento de Nossa Senhora da Piedade, Santa Cruz
Desenho | Imagem: Lígia Gonçalves

A política diplomática e as relações entre Portugal, Castela e Aragão foram sendo consolidadas, desde o século XIV, através de consórcios reais entre as duas coroas o que facilitou certamente as condições para as encomendas e importações tanto de azulejos como de todo o tipo de louça, nas quais se destacam peças de inestimável valor artístico e patrimonial e outras mais modestas, que transformaram o aspecto de diversos edifícios de carácter religioso e civil, tanto no Continente como nas Ilhas Atlânticas. Por outro lado, o intercâmbio comercial e o tráfego marítimo entre os dois países foram intensos nessa época, havendo muitos “*exemplares de «cartas de segurança real» concedidas a marinheiros espanhóis para virem a Portugal trazer mercadorias do seu país*” (Iria, 1975: 9-83) e permitiu a entrada de cerâmicas utilitárias, de construção ou de revestimento, entre outras importações.



Os azulejos hispano-árabes: breve nota histórica e tecnológica

Importados de Castela e Aragão, surgiram em Portugal, a partir da segunda metade do século XV e transição para o XVI, azulejos e cerâmicas do tipo mudéjar ou hispano-árabes e que tiveram uma importante difusão e presença no nosso país. Os conjuntos mais importantes são referidos nos trabalhos dos investigadores José Meco e Santos Simões, como do Palácio Real de Sintra, da Quinta da Bacalhoa em Azeitão e do convento de Nossa Senhora da Conceição de Beja¹, entre outros. Este último, cujas encomendas teriam sido provavelmente realizadas por D. Fernando e D. Beatriz, pais do futuro rei D. Manuel I considerados os “maiores senhores que nunca houve, em Hespanha, que não fosse reis”² constitui o exemplo que mais se asse-

melha à arrumação parietal dos azulejos da Casa de Pilatos, em Sevilha, e provavelmente, a montagem teria sido realizada por um azulejador sevilhano. A infanta D. Beatriz era tia da rainha Isabel, a Católica, chegando a deslocar-se a Castela para, com a sobrinha, negociarem o futuro Tratado de Alcáçovas-Toledo, de 1479 e, nos anos seguintes, voltou a Castela com os filhos, que passaram a ser educados naquela corte, como penhor desse tratado. E, ainda a respeito dessas encomendas, Maria J. Goulão refere que “*este casal, senhores de quase toda a região de Setúbal, deve ter estabelecido contactos com centros levantinos com vista à importação de alfardons e rajolas para pavimentos, cujos restos foram encontrados no convento de*

¹ O *Diário do Alentejo* refere-se à “*semelhança absoluta entre a barra que termina superiormente o silhar da Casa do Capítulo, e a outra que forma a volta abastada sobrejacente à estátua tumular do sepulcro de Don Léon Enrique, na igreja de Santa Paula, em Sevilha*”. Ainda refere o mesmo autor que “*o desenho desta cercadura é original e muito notável. Representa claramente um exemplar de estilização vegetal e é uma variante, mais feliz de desenho, dessa outra barra que encima os painéis que forram interiormente o pátio da chamada Casa de Pilatos, em Sevilha. É tão perfeita a semelhança entre aqueles e os seus irmãos bejenses e tão exata a representação do ornato que é lícito supor-lhes origem e molde comum*” (Cândido Marrecas, “Os azulejos da Casa do Capítulo da Conceição”, *Diário do Alentejo*, Beja, 22 de 04 de 1940 – citado em: Goulão, 1986: 135).

² História genealógica da Casa Real, livro III, 283 (citado por J. M. Santos Simões: *Ob. cit.*, 55).

Nossa Senhora da Conceição em Beja” (Goulão, 1986: 152), indicando ainda que “os exemplares na igreja do Convento de Santa Paula e na casa de Pilatos de Sevilha, reforçam esta hipótese e são indicadores claros da preferência dada em Portugal à produção sevilhana” (Idem: 135).

A Península Ibérica foi marcada pela forte influência da cultura árabe com novidades tecnológicas, científicas e artísticas que inspiraram os oleiros peninsulares cristãos. As composições de *alicatados*³, de inspiração muçulmana, adquiriram um protagonismo próprio, tornando-se num ofício de luxo e de qualidade estética, contudo, devido à complexidade do seu fabrico, foram substituídos por peças de formato quadrado, realizados na técnica designada de *corda seca* onde seriam delineados a óxido de manganês de cor escura, que permitia a separação das cores durante a cozedura. Os motivos mais ou menos complexos, na qual cada uma das peças se repetia formando uma combinação geométrica e abstrata, o chamado padrão, eram montados em chãos, paredes e tetos constituindo *tapetes* e outras decorações.

O vocábulo *azulejo*, que é a designação dada às peças quadradas para revestimento, provém do árabe *azuleich* e terá sido importado de Andaluza e do Levante, com os primeiros exemplares chegados ao nosso país, nas últimas décadas do século XV, no período marcado pelo elevado fluxo de arte mudéjar que teve início no reinado de Dom Manuel I. Segundo Santos Simões (na sua *introdução geral* sobre a azulejaria em Portugal, em 1969), os mais antigos documentos escritos encontrados até hoje em Portugal, onde aparece o termo *azuleijo*, são os forais manuelinos de início do século XVI (Simões, 1969: 41).

Contemporâneos da técnica de *corda seca*, os azulejos de *aresta*, produzidos através de estampagem de um padrão sobre a argila, ainda mole, por meio de pressão num molde ou matriz, que permitia a obtenção de arestas que impediriam a fusão das cores durante a cozedura. Nesta técnica incorporaram novos elementos decorativos dando origem a uma ruptura com a tradição de *laçaria* e inaugurando uma nova tipologia ornamental diferente da gramática religiosa muçulmana que rejeitava a representação figurativa, com a

introdução de motivos florais e vegetalistas de inspiração renascentista.

O *Diccionario de los artífices que florescieron en esta ciudad de Sevilla desde el siglo XIII hasta el XVIII*, editado em 1899 por Gestoso, traz uma extensa lista de artesãos, na especialização de oleiros e ceramistas, activos na segunda metade do século XV, que trabalhavam em olarias de Triana e noutros bairros sevilhanos. Os oleiros Fernán Martínez e o seu colega Francisco Nicoloso⁴ passam a ser os mais destacados ceramistas em Sevilha e produziam uma vasta tipologia de peças (louça vidrada e não vidrada⁵) para a exportação.

Manufacturados nas técnicas de corda seca, na técnica de aresta ou mista, o que nos permite identificar o local de produção é, sem dúvida, através da observação das pastas cerâmicas. Apoiando-nos em

investigações que tiveram como recurso a análise química de pastas, verificámos a existência de várias cidades, depois da coroa castelhana, produtoras de cerâmicas do tipo mudéjar, desde o século XIV, como as regiões de Málaga, Granada e Almeria, com destaque para as cidades de Toledo, Valência e Sevilha. Os azulejos hispano-árabes alcançaram uma grande difusão desde a Baixa Idade Média, através de produções sevilhanas, na cidade de Triana, o centro produtivo mais importante dos séculos XV e XVI, bem como Toledo e Valência. No início do século XVI, o azulejo passou a ser o símbolo da opulência aumentando substancialmente a comercialização para o território castelhano, europeu e, depois, americano (Gestoso: 1904).

Neste sentido, quanto às produções de Badajoz distinguem-se pelas pastas de tonalidade alaranjada, em Valência por uma cor rosada, e no caso sevilhano as pastas

³ Os *alicatados* eram produzidos através de pequenas peças monocromas de cor verde, branco, azul e negros, cortadas com um alicate e que formavam grandes composições. A obra de mosaico requeria dos profissionais altamente qualificados - os *alfareros* - que fabricavam placas vidradas de cores vivas e os - *alarifes* - especialistas nas técnicas de corte das peças pequenas segundo os padrões dos desenhos (Caballero, 1998: 140).

⁴ Fernán Martínez Guijarro representa a perfeição e o manejo de técnicas tradicionais incluindo uma série de influências de inspiração muçulmana com elementos próprios da cultura cristã. O italiano Francisco Nicoloso (c.1450-1529) trouxe a inovação técnica que, em pouco tempo, transformou radicalmente as técnicas tradicionais de produção cerâmica através de novos procedimentos, novos temas, novos efeitos decorativos de beleza e brilho que cativou o gosto sevilhano e fez aumentar as encomendas estrangeiras.

⁵ Sobre a variedade tipológica produzida pelos oleiros sevilhanos: “los oficiales que labraban toda suerte de obra cerámica, vidrada ó no, así platos y fuentes, tazas, escudillas, aguamaniles, jarros, tinajas, brocales de pozo, pilas bautismales y todo genero de azulejaria para techumbres, zócalos, frontales de altar y olambrillas, que combinadas con los ladrillos en los pavimentos, producían vistoso efecto” (GESTOSO: 1899, XXVI).

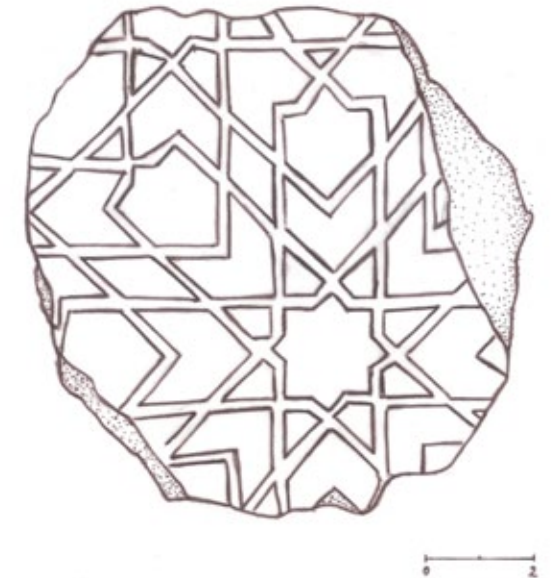


são amareladas, creme e com leve tonalidade rosada, sem desengordurante e de textura porosa e, quanto à região de Toledo, apresentam uma pasta avermelhada e ferruginosa (Suárez, 2007:168 e Gestoso, 1904:61).

Relativamente aos azulejos chegados a Portugal, José Meco comenta que a produção azulejar da região de Toledo foi menor em relação à de Sevilha, não existindo indícios de terem sido utilizados no nosso país, com excepção do pavimento do Paço Real de Sintra, colocando a impossibilidade da chegada à Ilha da Madeira, de azulejos dessa proveniência, pois além da falta de documentação que possa comprovar, também a distância geográfica seria um forte condicionante (Meco, 2003: 307).

Um documento transcrito por Gestoso, datado de 1508, corresponde à encomenda de D. Manuel I de milhares de azulejos hispano-árabes a Sevilha para a decoração do Palácio de Sintra, possivelmente produ-

zidos pelo oleiro Fernán Martínez Guijarro, que ficou conhecido como um dos mais extraordinários ceramistas de produção sevilhana da primeira metade do século XVI. Um outro documento citado também pelo mesmo investigador, refere a proibição da exportação de grandes quantidades de azulejos para Portugal e, provavelmente, essa interdição poderia ter suscitado a necessidade de se produzir azulejos hispano-árabes no país devido à elevada utilização deste tipo de revestimento⁶.



4. Fragmento de azulejo de laçaria, antigo Convento de Nossa Senhora da Piedade, Santa Cruz
Imagem | Desenho: Lúcia Gonçalves

⁶ As constantes encomendas realizadas a Espanha por Portugal, levou à criação um documento régio que proibia os envios exagerados de azulejos para o nosso país. Apesar de se referir à olaria do ceramista mais solicitado, provavelmente, essa lei também abrangeria as restantes olarias. A esse respeito pode ler-se: *"lo documento prueban la considerable exportación à Portugal los ceramistas Fernán Martínez Guijarro y su hijo Pedro de Herrera"* (Gestoso, 1904: 263).

A região de Triana foi, sem dúvida a maior exportadora de objectos hispano-árabes para o nosso país, no entanto, está aberta a possibilidade de alguns azulejos serem provenientes de olarias portuguesas dada a existência de azulejos de aresta, com as mesmas matrizes dos produzidos em Sevilha, descobertos em território nacional, numa olaria renascentista, em fornos de tipologia islâmica, na povoação de Santo António da Charneca⁷ (Barros, 2003: 295-305).

Uma outra ocorrência é indicada pelo investigador Rui Trindade, que menciona uma notícia sobre a descoberta (em 1885) de um forno cerâmico nas mediações do Palácio de Sintra, no Largo Gregório de Almeida, junto à igreja da Misericórdia,

cujo espólio teria sido depositado no palácio após a sua demolição, entre 1507 e 1510⁸, e corresponde a alguns azulejos, fragmentos de ladrilhos, tijoleiras e barro cozido de forma irregular. A construção de fornos cerâmicos, que abasteceriam o Palácio com cerâmicas, abre a possibilidade de que não teria sido uma produção exclusiva de Castela mas também do nosso país (Trindade, 2007: 249). Recorde-se que, nos inícios do XVI, a Coroa de Castela e o Reino de Aragão, eram dois reinos e principados cristãos que se uniram através do casamento, em 1469, da rainha Isabel I de Castela com o rei Fernando II de Aragão, o que levou à criação do Reino de Espanha, e, a partir dessa união, o termo espanha passou a ser utilizado com rigor, enquanto até aí designava qualquer parte da Península Ibérica.



5. Azulejo - padrão A,
Capela de São João de Latrão, Gaula
Imagem | Desenho: Lúcia Gonçalves

⁷ A esse respeito podemos ler: “nas prospecções que se realizaram à superfície foram recolhidos muitos fragmentos de cerâmica, entre os quais seis azulejos de aresta hispano-árabe (...) é a confirmação da produção local de azulejos de arestas, no reinado de D. Manuel I. Era até ao momento desconhecida a sua produção nacional, sendo habitualmente referidos como de produção sevilhana” (Barros, 2003: 295).

⁸ A esse respeito pode ler-se: “é tradição no Palácio que foram aqui fabricados, para o que existia um forno, do lado da actual pharmacía da Misericórdia, que em 1885 foi descoberto, encontrando-se allí muitos dos mesmos azulejos inteiros e fragmentados. Este forno teve de ser novamente aterrado, visto a impossibilidade de ficar descoberto, por estar n’um nível muito inferior ao da actual rua” (Cunha, António A. R., Cintra Pituresca ou Memória Descritiva das Vilas de Cintra Colares, Nova Edição Empreza da História de Portugal, Lisboa, 1905, p. 59 - citado por Trindade, 2007: 249).

No caso da Ilha da Madeira sabe-se que azulejos e cerâmicas hispano-árabes surgiram numa fase amadurecida do povoamento, no princípio de século XV época em que se assistia ao desenvolvimento industrial e agrícola, sobretudo do cultivo da cana sacarina e do fabrico e exportação de açúcar. Santos Simões, quando se refere aos azulejos que forram as quatro faces do remate piramidal do coruchéu da Sé do Funchal, classifica como sendo “os mais antigos de que há notícia em Portugal” (Simões, 1963: 177), mas o que muito provavelmente é excessivo. O pináculo contém setenta e três azulejos monocromos em azul, branco, verde e melado, lisos e sem qualquer relevo nem arestas, numa composição formando linhas diagonais alternando as cores das peças⁹, existindo também outros azulejos do mesmo género, em azul e branco, no pavimento da Quinta do Faial, no Funchal (*Idem*).

Merecem particular destaque, pela beleza e raridade, os pavimentos ainda conserváveis no coro alto e o coro baixo do Convento de Santa Clara do Funchal, do final do século XV, (fig. 1 e 2) (pelo que os da Sé, por certo de 1514, são muito mais tardios) que contêm uma considerável quantia de azulejos monocromos de cor verde na técnica de aresta com equivalentes exemplares, mas em reduzido número, no Palácio de Sintra (Trindade, 2007: 222; Meco, 1993: 39 e 172) e na Sala do Capítulo do Convento da Conceição de Beja (Trindade, 2007: 222). A espectacularidade e a raridade destes pavimentos do Convento de Santa Clara devem-se ao facto da sua maioria ser do tipo mudéjar, na técnica de aresta, vidrados a óxido de chumbo (zarcão) que produz a cor verde escura. No centro do pavimento do coro alto está disposto um quadrado 10x10 azulejos de laçaria policromos e na prolongação dos

vértices do quadrado existem três azulejos que vão estabelecer a ligação com um quadrado de 4x4 azulejos, também policromos. No conjunto reconhece-se cerca de oito desenhos de laçaria, dois de ornamentação fitomórfica. Quanto ao coro baixo verifica-se os mesmos padrões, alguns dos quais policromos, cerca de oito lisos na cor verde e um azul, sendo que parte do pavimento é constituído por pequenos azulejos policromos de 4,5 cm de lado, decorados com motivos fitomórficos e geométricos que combinam com tijoleiras rectangulares não vidradas de dimensões 20 cm por 10 cm.



6. Azulejo - padrão B,
Capela de São João de Latrão, Gaula
Imagem | Desenho: Lígia Gonçalves

⁹ Conforme recomendação, por carta de D. Manuel, datada de 2 de Agosto de 1514, dirigida ao Cabido da Sé do Funchal, documento depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Cabido da Sé do Funchal, maço 17, doc. 167 (transcrito por Eduardo C. N. Pereira em “Ilhas de Zargo”, vol. II, 1989, p. 1235; por Pita Ferreira em “A Sé do Funchal”, 1963; por Rui Carita em “A Sé do Funchal:1514-2014”; entre outros).



A Cerâmica mudéjar como um importante indicador arqueológico no período moderno

A realidade arqueológica no que diz respeito à Região Autónoma da Madeira é diferente do restante país, uma vez que a arqueologia da região coincide com a época moderna onde a interpretação e leitura estratigráfica correspondem ao período cronológico que vai do século XV ao XVIII. A herança azulejar proveniente das escavações acaba por ser um importante recurso no estudo da azulejaria hispano-árabe em Portugal e, no caso particular, da Madeira.

Em Portugal continental, o achado mais importante do ponto de vista do estudo da azulejaria hispano-árabe é o revestimento ainda *in situ* do convento de Santa Clara-a-Velha de Coimbra, na igreja e no claustro, destapados mediante a necessidade de resgate das ruínas enterradas sob o solo arenoso do Mondego. Encontrados na fase final de investigação, entre valiosos objectos e estruturas arquitectónicas de inestimável memória histórica, “*juntam-se milhares de azulejos enquadráveis em cerca de uma centena e meia de padrões*” (Macedo, 2003:17-23) e constitui uma das trinta construções onde foram encontrados azulejos da mesma tipologia e de produção sevilhana, no distrito de Coimbra (Galvão, 1986: 153).



7. Azulejo - padrão C,
Capela de São João de Latrão, Gaula
Imagem | Desenho: Lígia Gonçalves

Na Madeira, o trabalho arqueológico mais relevante no que respeita à descoberta de cerâmicas hispano-árabes (fig. 3 e 4) ocorreu quando se pôs a descoberto o desaparecido convento de Nossa Senhora da Piedade, em Santa Cruz. A escavação ocorrida nos anos 60 foi dirigida por António Aragão, antes das obras de construção do aeroporto de Santa Catarina, local da edificação do convento de onde se retirou um importante espólio e que já foi estudado por alguns investigadores.

Contrariamente ao que sucedeu no convento de Santa Clara-a-Velha de Coimbra, a escavação do antigo convento de Nossa Senhora da Piedade na Madeira foi pouco fundamentada, não havendo qualquer informação relativa à intervenção arqueológica o que, também torna pouco clara a inventariação dos objectos encontrados. Sabe-se que do lote de azulejos recuperados em 1961 foram reaproveitados os melhores exemplares e expostos no Museu da

Quinta das Cruzes de raros exemplares de *ladrillos por tabla* ou placas de tecto¹⁰, na exposição na Casa-Museu Frederico de Freitas e “*parte deles colocados na sacristia e no acesso à torre da matriz de Santa Cruz*” (Carita, 1989: 293) e, quanto ao restante espólio, foi armazenado. Entre este, destaca-se cerca de cento e dezassete fragmentos, resíduos de muitas escolhas anteriores onde teriam sido aproveitadas as peças em melhores condições, para serem expostos nos locais acima referidos (Gonçalves, 2007: 8-13; Gonçalves, 2007^a; Sousa, 2011:306).

Numa observação macroscópica aos fragmentos acima mencionados, foi possível analisar semelhanças e diferenças entre as pastas cerâmicas. Verificámos pastas mais claras com as características sevilhanas (como aponta o investigador Gestoso) e a presença de outras avermelhadas o que leva a crer (sem confirmação) que estamos perante peças de diferentes campanhas de fabrico, locais de extracção ou encomendas diferenciadas.

Na proximidade da igreja matriz de Santa Cruz (onde se encontram actualmente pavimentados azulejos do mesmo tipo e na sacristia), foram recuperados na área de prospecção 7 e 10, três fragmentos de azulejos hispano-árabe, na técnica de aresta, sendo um do tipo laçaria e dois de decoração vegetalista estilizada. A descoberta ocorreu na sequência do acompanhamento arqueológico pelo CEAM (Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea), durante a obra de melhoramento de Santa Casa da Misericórdia de Santa Cruz¹¹ e no conjunto exibem pastas claras com analogia às produções sevilhanas.

No âmbito da escavação arqueológica no Solar de Dona Mécia e respetiva capela, levadas a cabo, no ano 2000, pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Funchal, descobriram-se exemplares do tipo laçaria na técnica de aresta e azulejos na gramática de loseta, na técnica de corda seca (Ramos, 2003: 74) que, actualmente, se encontram expostos no Museu

do Açúcar do Funchal. Dada a quantidade do espólio exumado na antiga capela da Conceição, assim como a sua colocação estratigráfica, tudo leva a crer tratar-se de espólio proveniente do antigo convento de São Francisco do Funchal, que ficava ao lado deste solar.

Outra ocorrência integrada numa obra de construção unifamiliar no Sítio do Povo, na Freguesia de Gaula, foi recolhida à superfície, um fragmento de azulejo hispano-árabe de laçaria na técnica de aresta, com pasta clara de cor rosada (Sousa, 2011:207).

O achado mais recente, e que constitui uma novidade, sucedeu após o incêndio ocorrido na Capela da Quinta de São João Latrão, na Freguesia de Gaula, foram detectados azulejos hispano-árabes no âmbito de investigações arqueológicas no local que provavelmente teriam pertencido à capela primitiva. Trata-se de quatro peças claramente referenciáveis com as

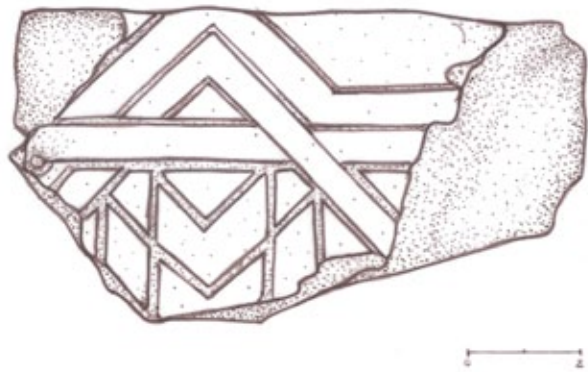
¹⁰ As placas de tecto são peças rectangulares usadas para decorar tectos, actualmente são raríssimas em Espanha sendo que em Portugal apenas se conhece os exemplares expostos na Quinta das Cruzes no Funchal, provenientes do convento da Piedade. São geralmente o dobro do tamanho dos azulejos quadrados, com dimensões variáveis entre 13 ou 14 cm por 27 ou 29 cm, decoradas na face nobre por desenhos complexos: estrelas de *laçaria*, ortogonais ou figuras inspiradas nos modelos renascentistas, com motivos zoomórficos, fitomórficos ou brasões. Eram produzidos na técnica de corda seca e aresta ou com relevos (alto e baixos) e parece que os motivos mais elaborados eram manufacturados em Toledo, tais como cabeças e bustos humanos e as aplicações de dourados (Gestoso, 1904:190).

¹¹ Cfr. Élvio Sousa e Alexandre Brasão, Relatório dos trabalhos arqueológicos (acompanhamento) da Santa Casa da Misericórdia de Santa Cruz (2005-06), Gaula, 2006 (texto policopiado).

produções sevillhanas, na técnica de ares-
ta com motivos vegetalistas e simétricos,
de carácter renascentista da primeira me-
tade do século XVI, depositados na *loja* e
alguns fragmentos no jardim, representati-
vos dos seguintes padrões:

Dois azulejos hispano-árabes (padrão A -
fig. 5) de decoração vegetalista de inspira-
ção de tapeçaria com leitura 2x2 resultan-
te da combinação de quatro azulejos do
mesmo padrão. É constituído por um ele-
mento central circular emoldurando uma
decoração de ornatos em tonalidade ocre,
imitando filamentos têxteis agrupados,
que se repetem ao longo dessa moldura.
Dentro da reserva está representado um
elemento fitomórfico estilizado com folhas
verde que alternam com folhas a azul, de
onde brotam dois rebentos de flor na cor
melada. Na aresta oposta, apresenta-se
um elemento vegetalista constituído por
uma flor central, na cor melado, com folhas
laterais a verde, virada para o centro do
azulejo. Os dois azulejos quadrados de 11

cm de lado e 2,7 cm de espessura, apre-
sentam uma pasta de textura compacta
de tonalidade rosada e com um desgaste
e destaque parcial dos vidrados. Este mo-
delo é exemplificado na *Casa de Pilatos*,
em Sevilha, no convento de Montebruno
em Génova, sendo muito utilizado no Con-
tinento Português e com equivalentes no
Museu Frederico de Freitas no Funchal,
com proveniência do convento de Nossa
Senhora da Piedade de Santa Cruz.



8. Fragmento de azulejo - padrão D,
Capela de São João de Latrão, Gaula
Desenho | Imagem: Lúgia Gonçalves

Azulejo hispano-árabe (padrão B - fig. 6)
obtido pela combinação de mais peças, é
constituído por um reticulado formado por
um elemento central, sobre fundo branco,
de quatro hastes dispostas em forma de
cruz na cor verde, cada uma das quais
contém um rebento estilizado a melado. A
flor central é emoldurada hexagonalmen-
te a azul e, que por sua vez, é decorado
com bolotas e elementos circulares. Mede
13 cm de lado e 2,5 cm de espessura, com
pasta clara e de textura compacta, con-
tém as arestas bem definidas. Este modelo
constitui o mesmo padrão que é repetido
no pavimento da igreja Matriz de Santa
Cruz.

Azulejo hispano-árabe (padrão C - fig. 7)
com um elemento fitomórfico central, so-
bre fundo branco, que representa quatro
flores simetricamente estilizadas, semi-
abertas e cruciformes, nas cores verde e
melado, contendo uma moldura tripla e
losangular, a azul e melado alternadamen-
te, e nos quatro cantos possui pétalas es-
tilizadas, de inspiração islâmica, revelando
também motivo típico do Gótico tardio. De
dimensão de 13 cm de lado e 2,5 cm de
espessura, tem pasta clara e rosada. Este
padrão é muito popular nos edifícios ge-
noveses e encontra analogia no Museu de
Santo Agostinho, em Génova, e este foi um
dos desenhos que inspiraram a manufac-
tura local dos azulejos *Laggione*.

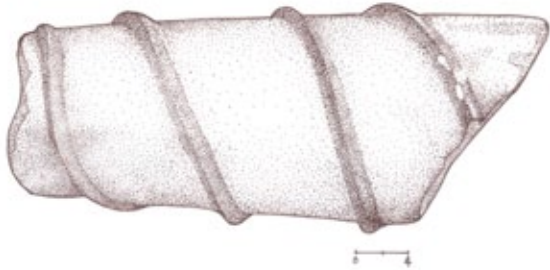


Fragmento de azulejo hispano-árabe (padrão D – fig. 8) que corresponde a um motivo característico do gosto mudéjar, de estética islâmica, constituído por uma decoração sobre fundo branco de *laçaria* constituída por uma estrela de dezasseis pontas, sendo o elemento mais central uma outra estrela na cor melado, de oito pontas. É emoldurada por dois quadrados que se cruzam. Este foi o modelo mais difundido, estando presente na *Casa de Pilatos*, em Sevilha, no Palácio de Sintra, no convento da Conceição de Beja, encontrando-se também no espólio do antigo convento da Nossa Senhora da Piedade de Santa Cruz, no convento de Santa Clara e no Solar de Dona Mércia, ambos no Funchal.

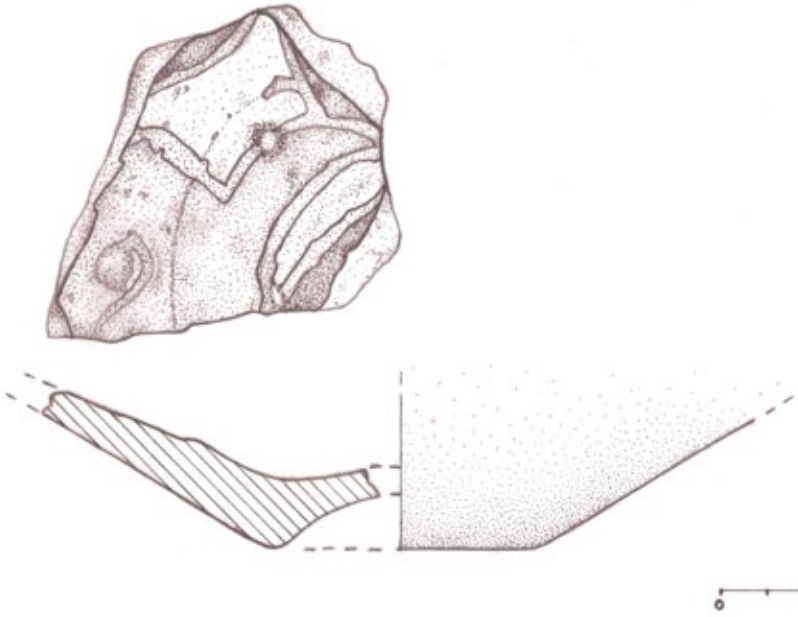
Ainda resultante do espólio arqueológico do convento de Nossa Senhora da Piedade de Santa Cruz, verificou-se um interessante conjunto de manilhas tubulares de cerâmica (fig. 9) vidrada a verde (óxido de cobre), destinado ao sistema de escoamento de águas do edifício do convento ou dos seus chafarizes. Contém uma decoração de cordões de aplicação helicoidal com intervalos de separação de 5 a 8,5 cm, provavelmente de proveniência sevilhana, do século XVI, ao gosto da louça utilitária e eclesiástica vidrada como os alguidares e as pias baptismais (Sousa, 2011: 305).

Neste contexto, um interessante conjunto de cerâmicas mudéjares sevilhanas vidradas a verde correspondente a dois raros fragmentos de bordo (fig. 11), possivelmente associados ao culto religioso no convento da Piedade, com evidências possíveis a pias de água benta com superfícies profusamente decoradas (Sousa, 2011: 253) com analogia na pia baptismal da igreja matriz da Ponta do Sol.

Com proveniência da escavação arqueológica na Junta de Freguesia de Machico, um objecto muito raro em Portugal, trata-se um fragmento de uma base e arranque de parede de um prato cerâmico (fig. 10) de morfologia aberta na técnica de corda seca, na cor branca, com decoração azul e amarelo ou ocre, semelhante aos fabricos sevilhanos dos finais do século XV, princípio de século XVI, com paralelos conhecidos no espólio do convento de San Francisco de Asís de Las Palmas de Gran Canaria de onde foram registados cinco fragmentos realizados na técnica de corda seca, todas de morfologia aberta com decoração na parte interna dos recipientes que corresponderam a pratos e escudelas e corresponde à tipologia encontrada em Machico (Sousa, 2011: 258; Suárez, 2007:169).



9. Tubo cerâmico vidrado a verde, Convento de Nossa Senhora Piedade de Santa Cruz
Imagem: Élvio Sousa | Desenho: Lígia Gonçalves



10. Fragmento de prato com decoração na técnica de corda seca, Junta de Freguesia de Machico
Imagem: Élvio Sousa | Desenho: Lígia Gonçalves



11. Fragmento de pia de água benta,
Antigo Convento de Nossa Senhora da Piedade
Imagem: Élvio Sousa

Apreciações finais

Desde edifícios e igrejas mais modestas, as obras de elite e palacianas, os azulejos hispano-árabes, revelaram um elemento decorativo muito divulgado e apreciado um pouco por todo o país e “*era em muitos casos o único toque de luxo ao alcance da bolsa das modestas populações rurais*” (Dias, 1979: 44). Não sendo um produto excepcionalmente caro, ofereceu possibilidades quase infinitas de utilização, em edifícios de carácter religioso ou civil, em superfícies externas ou internas, em abóbadas, pátios, corredores, bancos de jardim, entradas, salões, entre outros. O seu brilho esmaltado, as cores fortes e contrastantes e os motivos utilizados conferiram-lhes um acentuado toque exótico e, nas construções mais modestas, alguns azulejos apenas bastavam para decorar um frontal de altar ou rodapé, um recanto ou um pequeno armário de apoio, conseguindo-se, sem grande despesa, uma decoração policromada duradoura, vistosa e com beleza estética.

Tendo ainda como orientação o estudo de Gestoso, seria provável que a louça dourada e a de corda seca tenham sido tão conhecidas como a azulejaria, porque tal como refere a documentação, os mercadores estrangeiros (ingleses, franceses, italianos, portugueses e muitos outros), que frequentavam Sevilha, entrando em contacto com os ceramistas de Triana, adquiriam “*tantas cargas de ollería*” facilitando a exportação de objectos (Gestoso, 1904, 256) para embelezamento arquitectónico ou peças utilitárias ao gosto mudéjar, tal como o exemplar raro correspondente à pia de água benta e o prato na técnica de corda seca, reveladas nas escavações do convento de Nossa Senhora da Piedade, em Santa Cruz, e na Junta de Freguesia de Machico evidência a rede de contactos comerciais com o Reino e a transmissão das modas e gostos pela exuberância e pelo exotismo que estava em voga.

Na Madeira a chegada de azulejos e cerâmicas hispano-árabes à região insular estabelece um recurso material decorativo a conventos, igrejas, capelas, solares mas também destinado a dar requinte a construções mais modestas.

Aqui demos um especial destaque aos azulejos da Capela de São João de Latrão que apesar de ter sido destinada a uma frequência familiar, constitui um ponto alto, senão o ponto mais alto, na revelação do poder económico e social do seu encomendante e proprietário, e, reflectindo uma importante componente exhibicionista do estatuto social.

Através destas investigações arqueológicas foi possível ampliar o mapa da localização destes produtos que se difundiram para fora do Funchal, revelando os circuitos comerciais antes insuspeitados e outros conjuntos e descobertas para além daquelas que já tinham sido estudadas, como são os casos aqui revelados.

BIBLIOGRAFIA

CALADO, Rafael Salinas (1980): Azulejo - Cinco séculos de azulejo em Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

CARITA, Rui (1989): O Convento de Nossa Senhora da Piedade, História da Madeira (1420-1566) – Povoamento e produção açucareira, vol. I, secretaria Regional de Educação, Funchal, pp. 291-299.

DIAS, Pedro (1979): O mudejarismo na arte coimbrã, séculos XV e XVI, Universidade de Coimbra, Coimbra.

FERREIRA, Pio Manuel (1967): Santa Cruz da Ilha da Madeira, Funchal.

GOULÃO, Maria José (1986): Alguns problemas ligados ao emprego de azulejos “mudéjares” em Portugal nos séculos XV e XVI, Sep. de “Relações artísticas entre Portugal y Espanha”, (S.I.), Junta de Castilla y Leon, pp. 129-154.

GESTOSO, José (1899): Dicionário de los artífices que florecieron en esta ciudad de Sevilla desde el siglo XIII hasta el XVIII, tomo I, A-O, Sevilla..

GESTOSO, José (1904): Historia de los vidrados sevillanos desde sus orígenes hasta nuestros días, Sevilla.

GONÇALVES, Lígia (2007): Azulejos hispano-árabes descobertos em escavações arqueológicas na Região Autónoma da Madeira. Análise e reflexão tecnológica, ILHARQ – Revista de Arqueologia e Património Cultural do Arquipélago da Madeira, nº. 7, ed. ARCHAIS - Associação de Arqueologia e Defesa do Património da Madeira, Machico, pp. 8-13.

GONÇALVES, Lúcia (2007^a): Estudo dos conjuntos Azulejares (em depósito) - Convento de Nossa Senhora da Piedade, CEAM - Centros de Estudo de Arqueologia Moderna e contemporânea, (texto policopiado), Santa Cruz.

IRIA, Alberto (1975): O Algarve e a Andaluzia no século XV, Documentos para a sua história (1466-1480), “Anais da Academia Portuguesa de História”, II Série, vol. 23, t.I, Lisboa, pp. 9-83.

MACEDO, Francisco Pato de (2003): O Mosteiro Velho de Santa Clara, Revista semanal de edifícios e monumentos, nº 18, Lisboa, pp.17-23.

LIZARDO, João (2013): Em torno dos vestígios materiais dos primeiros tempos do povoamento - 8. A Capela de São João de Latrão de Gaula e a Igreja do Convento da Piedade - Sugestões para reconstituições de edifícios já desaparecidos, ILHARQ, Nº. 10, ed. ARCHAIS - Associação de Arqueologia e Defesa do Património da Madeira, Machico.

RAMOS, Clara Baptista (2003): Arqueologia Urbana no Funchal: 1989-2001, Livro Branco Património Cultural da Região Autónoma da Madeira, ARCHAIS - Associação de Arqueologia e Defesa do Património da Madeira, Gaula, pp. 63-77.

SIMÕES, J. M. dos Santos (1969): Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI - Introdução geral, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp. 41 e 42.

SOUSA, Élvio (2011): Ilhas de Arqueologia. O Quotidiano e a Civilização material na Madeira e nos Açores (Século XV-XVIII), Tese de Doutoramento em História - Especialização em História Regional e Local, volume I, Universidade de Lisboa/Faculdade de Letras/Departamento de História, Lisboa.

SUÁREZ, Elena Sosa (2007), La cerâmica de “cuerda seca” del antiguo convento de San Francisco de Asís de Las Palmas de Gran Canaria, Separata de CuPAUAM, 33, Madrid, pp. 155-174.

TRINDADE, Rui (2007): Revestimentos cerâmicos Portugueses. Meados do século XIV à primeira metade do século XVI, F.C.S.H. U.N.L, ed. Colibri, Lisboa.